

27 AGO 1997

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

FH quer tudo,
menos o 2º turno

Não é possível ainda considerar candidaturas postas, prontas e acabadas essas que agora surgem nas figuras de José Sarney, Ciro Gomes, Itamar Franco, Lula, Tarso Genro, Célio de Castro, Roberto Requião e vai por aí afora, tendo, além do mais, sempre em vista que Paulo Maluf não é exatamente um defunto.

Cada uma delas está cercada por milhões de senões, circunstâncias favoráveis e desfavoráveis, falsos desejos, anseios legítimos, determinações ensaiadas, aflições sinceras, segundas e terceiras intenções.

O ex-ministro Ciro Gomes acha, por enquanto, "muito pouco provável" que venha a deixar o PSDB para se candidatar pelo PSB, pois só o faria em nome de uma proposta programática que incluísse também – embora não só – as idéias que vem defendendo para corrigir o que anda errado no governo FH.

"É preciso ter uma plataforma explícita e fornecer uma orientação positiva ao eleitorado que quer outra opção além da dicotomia perversa que coloca de um lado o paraíso com Fernando Henrique e, de outro, o caos da volta ao passado", defende Ciro. "Sou político e não maluco de sair assim, sem mais nem menos, contra a candidatura favorita de Fernando Henrique."

Ele não dispensa nenhuma hipótese.

Pode ficar no PSDB como dissidente e sair candidato a deputado federal, num arranjo exclusivamente cearense com Tasso Jereissati, ou quem sabe até ficar sem mandato, exatamente como está. "Tenho tempo, sei que tanto a direita quanto a esquerda usam essa possibilidade da minha candidatura conforme seus interesses, e não estou de bobo nessa história."

Enquanto isso, José Sarney anuncia que quer mesmo ser candidato, mas não explica o que fará com sua face pefelista. Onde residem o filho, de-

putado José Sarney Filho, e a governadora do Maranhão, Roseana Sarney, que, com 75% de aprovação no estado, quer ficar com FH. Em última análise, é no PFL que mora a alma de Sarney. Místico, Sarney pode também estar contando com as forças do imponderável.

**O presidente prefere
disputar com Lula
porque não deseja um
adversário, quer um
sparring**

De qualquer forma, ainda vai levar um tempo para que se saiba quem joga apenas em busca de abocanhar mais cacife e quem vai, de fato, entrar em campo para disputar com Fernando Henrique. Se dependesse da vontade dele, a esquerda marcharia unida em torno da candidatura Luiz Inácio da Silva. Não é que Lula seja o adversário predileto de FH. É que, nesse caso, funcionaria como *sparring*, permitindo ao presidente exibir excelente performance sem o mais tênue risco de perder.

E perder, no raciocínio do Palácio do Planalto, não significa nem a derrota final, mas a simples realização de um segundo turno. Ora, nada melhor para assegurar a vitória rápida que um opositor de truques conhecidos e desgastados, nessa altura da vida já sem o charme de épocas mais aguerridas e repetindo sempre a mesma cantilena.

O sonho dourado de qualquer um. Notadamente qualquer um que já esteja no poder, a bordo de um plano econômico de sucesso, com exposição garantida para o grande público indisposto a trocar o certo pelo duvidoso.

Seria uma maravilha de campanha essa em que Fernando Henrique só precisasse se dar ao trabalho de voltar-se de quando em vez à arena adversária para contabilizar mortos e feridos. E, sorridente e altaneiro, lamentar tanta divisão e incompetência.

O discurso do governo hoje, diante do pipoco de tantas e tão diversas candidaturas, limita-se ao óbvio. Como não poderia deixar de ser, o presidente se mantém na postura de que essas movimentações são fruto do direito democrático de qualquer brasileiro em idade legal de se candidatar.

Transmite, porém, a mensagem de que continua "de braços abertos" para receber Ciro Gomes quando ele quiser. Da mesma forma agirá com Sarney ou com quem quer que se disponha a conversar sobre o assunto.

Porque o momento virá em que Fernando Henrique precisará agir se quiser mesmo, como quer, evitar o segundo turno.

Pois se essas candidaturas cujas chances de sucesso são remotíssimas vierem, de fato, a se concretizar, a hipótese de uma segunda rodada é mais do que concreta. Junte-se um naco de votos aqui, outro percentual ali, e rápido o presidente-candidato deixa de poder contar com 50% dos votos mais um.

Essas pessoas citadas podem não tê-los em número suficiente para se eleger, mas se as candidaturas se apresentarem mesmo, sempre haverá eleitor disponível para optar por elas. Afinal de contas, há muita gente que não quer votar em Fernando Henrique, mas que acabará votando só para fugir da oposição de orientação negativa que o PT impõe.

Vindo o segundo turno, ficando demonstrado que o santo não é tão milagreiro quanto parecia, tudo pode acontecer. Depois da eleição de 1994, o cientista político Antônio Lavareda, o mago das pesquisas de FH, fez uma conta simples: se o PSDB e o PFL tivessem tido 2% a menos de voto e a oposição atingisse um espectro mais amplo capaz de somar outros 2% à sua votação, teria havido segundo turno.

Uma circunstância onde ninguém, muito menos o candidato já estabelecido no poder, pode se arriscar a um único erro, por menor que seja.